

OS CARRINHOS DE BALINHA: UM RECORTE NA HISTÓRIA DOS VENDEDORES AMBULANTES



BALLET CARTS: A CUTTING IN THE HISTORY OF STREET VENDORS

Rosana de Oliveira Gomes Santos,
Ana Paula Bispo Silva



2/2

A CULTURA MATERIAL

objetos, imagens e representações

Organização:

Prof^a Dr^a Cláudia Eliane
Parreiras Marques Martinez



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

Volume 15 . Número 28
. Jan/Jul 21

OS “CARRINHOS DE BALINHA”: UM RECORTE NA HISTÓRIA DOS VENDEDORES AMBULANTES

THE CANDY CARTS: AN EXCERPT IN THE HISTORY OF THE STREET VENDORS

Rosana de Oliveira Gomes Santos¹

Ana Paula Bispo da Silva²

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de explorar a biografia de um objeto, “carrinho de balinha”, como parte da cultura material e da história dos vendedores ambulantes. A cultura material possibilita nos aproximar da história por detrás de um objeto considerando seus aspectos sociais, econômicos e culturais, além do que ele representou para uma sociedade. Utilizamos a abordagem sobre a cultura material na perspectiva de Prown (1982), seguindo as quatro operações para analisar o objeto, e o método de interpretação de Geertz (2019), para interpretar os significados que são atribuídos ao objeto. Discorreremos sobre a importância que o objeto pessoal teve para enfrentar a realidade social da economia vivida na década de 80 e a superação dessa realidade com a utilização do “carrinho de balinha”.

Palavras-chave: Carrinho de balinha; Década de 80; Economia informal.

Abstract: This article intends to report the biography of an object, “the candy cart”, as part of the material culture and history of street vendors. The material culture approach allows to consider its social, cultural and economic aspects behind the history of the object and its meaning in the society. To capture the meaning of the object and to write its history, we considered the four analytical operations detailed by Prown (1982) and the semiotic interpretation of culture of Geertz (2019). We discuss the importance of the object in relation to the social and economic reality of the decade of 80 and their crease of informal commerce as in come source to survive.

Keywords: Candy cart; 1980’s; Informal commerce.

¹ Graduada em Ciências da Natureza pela UEPB, Araruna-PB. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da UEPB, Campina Grande-PB. Professora da rede pública da cidade de Tacima-PB e Passa e Fica-RN. E-mail: ogs-rosana@gmail.com. Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-1220-5380>.

² Doutora em Ciências pela UNICAMP, Campinas-SP. Professora da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: silva.anapaulabispo@gmail.com. Orcid id: <http://orcid.org/0000-0001-8465-0614>.

INTRODUÇÃO

A cultura material aparece na literatura como forma de análise de objetos, artefatos ou instrumentos que podem ampliar a compreensão dos significados que esta tem para a humanidade. Algumas pesquisas evidenciam o estudo da cultura material a partir da transnacionalização dos objetos ultrapassando as fronteiras nacionais (ALCÂNTARA, 2016); outras, na relação entre a cultura material, a arqueologia e o papel dos arqueólogos nos estudos desses objetos (BARCELOS, 2009; MILLER, 2013); também há pesquisas sobre a complexidade que o objeto representa no contexto social (DOHMANN, 2017); e, por fim, na relação que a cultura material tem com a construção de memórias e identidade de pessoas (GUTIERRE; SERRES; RIBEIRO, 2015; JACQUES, 2013). Nesses estudos, o foco concentra-se, de maneira geral, em objetos que encontram sua representatividade em museus, ou associada a uma forma particular de utilização na sociedade.

Neste trabalho consideramos a representatividade que um objeto adquiriu em um ambiente familiar da década de 1980, particularmente na vida financeira e no trabalho do proprietário do objeto, meu pai. Uma realidade do interior do Nordeste brasileiro, especificamente na Paraíba, que foi enfrentada por muitos na luta pela sobrevivência e pelo sustento de suas famílias em um período de desemprego e de muitas migrações para capitais em busca de trabalho. Destacaremos a análise de um objeto na perspectiva da cultura material que permitiu fazer conexões com a realidade social do momento econômico vivido durante a década de 1980 até meados de 2017.

Contemplaremos o conceito da cultura como uma teoria interpretativa proposta por Geertz (2019), a qual tenta descobrir as construções conceituais e confirmar as ações dos sujeitos ou das suas falas e seus atos. Para isso, o autor analisa o que é genérico nessas construções e não tem destaque em outros comportamentos humanos, o que pertence ou não pertence, porque são o que são, ou porque não são (GEERTZ, 2019, p. 10). Utilizaremos, também, o conceito de Thompson (2009, p. 173), que define “a cultura de um grupo ou sociedade é o conjunto de crenças, costumes, ideias e valores, bem como os artefatos, objetos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade” (THOMPSON, 2009, p. 173). E, por fim, a cultura material que contempla os artefatos, objetos e instrumentos como parte da história cultural da humanidade (DOHMANN, 2017; MILLER, 2013; PROWN, 1982) entre outros autores.

São esses conceitos que fundamentam nossa proposta nesse trabalho que discorre sobre os “carrinhos de balinhas” como parte da história cultural e integrante da cultura material. Pontuaremos que o carrinho representou a possibilidade de uma fonte de

renda, mas que também significou a precarização do trabalho, característica comum na década de 1980 com o fim do milagre econômico (JORDÃO; STAMPA, 2016; MAIA, 1999, p. 108).

Portanto, o objetivo deste artigo é explorar a biografia do objeto “carrinho de balinha” como parte da cultura material e relatar as experiências, utilidades e valores que estão por trás dos significados atribuídos a esse objeto.

A CULTURA MATERIAL: A HISTÓRIA POR TRÁS DE UM OBJETO

Para avançarmos sobre a cultura material, é importante fazer uma breve explanação sobre o que compreendemos sobre cultura. Partimos do conceito de Geertz (2019), que propõe uma teoria interpretativa da cultura e utiliza o conceito da semiótica a partir de signos, os quais podem ser interpretáveis. Para Geertz (2019, p. 17), uma abordagem semiótica da cultura possibilita o acesso ao mundo conceitual em que vivem os sujeitos. A partir da concepção simbólica da cultura, seria possível descobrir as estruturas conceituais que informam os atos dos sujeitos e construir um sistema de análise que pode diferenciar o que é específico dessas estruturas de outras categorias do comportamento humano.

Segundo o mesmo estudioso, a cultura é formada por teias de significados que o próprio homem teceu. Sua teoria tem o objetivo de compreender o ato simbólico sobre si mesmo expresso em um vocabulário sobre o papel da cultura na vida humana. A ênfase, portanto, está nos significados atribuídos à cultura construída pelo próprio homem em uma descrição densa das interpretações. Diferentemente de Geertz (2019), que não dá atenção para os conflitos sociais e de poder presentes nas culturas, Thompson (2009), enfatiza a construção e contextualização dos significados simbólicos nos contextos sociais estruturados, examinados nos aspectos intencional, convencional, estrutural e referencial.

As ideias de ambos os autores acerca do conceito de cultura buscam compreender a cultura dos homens no conjunto de seus costumes. De acordo com Geertz (2019, p. 4), o estudo sobre a cultura é considerado “não como uma ciência experimental em busca de leis gerais, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Já para Thompson (2009), a cultura é um conjunto de crenças, valores, costumes, bem como artefatos, objetos e instrumentos materiais que são produzidos e adquiridos pelos indivíduos em uma sociedade. Assim, pretendemos abordar a cultura material que engloba o conjunto de materiais que fazem parte da cultura de uma sociedade.

As manifestações da cultura através de produções materiais são definidas como cultura material, ou seja, demonstração da cultura por meio de objetos, artefatos ou

instrumentos. Assumindo-se, como Eagleton (2011, p. 15) que a cultura, produzida por homens molda a natureza ao mesmo tempo em que é moldada por ela; e que, assim sendo, se exprime na materialidade das coisas, a cultura material nos permite interpretar através de objetos, a cultura dos homens que os produziram (PROWN, 1982). Por meio da descrição detalhada de um instrumento, é possível compreender sua utilidade, bem como características que lhe foram atribuídas para determinadas necessidades e soluções. O objeto material se torna sinal ou metáfora, dando-nos subsídios para compreender crenças, costumes e comportamentos por detrás dele.

Barcelos (2009) aponta a importância dos arqueólogos nos estudos das distintas dimensões da cultura material. O autor considera a arqueologia como a história da cultura afirmando que os arqueólogos atuam nos estudos dos sistemas socioculturais por meio de “restos materiais”, isto é, separam a cultura material passada da que nos envolve no presente. De acordo com Meneses (1983), a definição da cultura material mantém um duplo aspecto da relação entre arqueologia e cultura material, ou seja, “a ideia de que os arqueólogos estudam fenômenos humanos majoritariamente a partir de artefatos, e de que não se trata de quaisquer artefatos, mas daqueles resultantes de ações passadas de outros seres humanos”.

Sem dúvidas, os estudos arqueológicos por meio de objetos resgatam as memórias, histórias e identidades de um povo. Segundo Miller (2013), os objetos assumem um papel importante na vida social, comportamental e mental de uma pessoa estando intimamente ligados aos relacionamentos humanos. O autor afirma que a cultura material, por meio de “coisas, trechos e troços” é parte necessária do processo que torna os homens o que eles são. De acordo com Dohmann (2017), a cultura material é capaz de examinar o objeto não em si mesmo, mas no seu uso, na sua importância econômica, nas necessidades sociais e culturais e na apropriação social a partir das técnicas de produção envolvidas.

Nesse sentido, a cultura material não demonstra só o processo tecnológico, econômico e social, mas representa a cultura de uma sociedade que envolve significados representados em valores, crenças, costumes, afetividade, etc. Dohmann (2017, p. 42), afirma que

[...] o objeto revela-se, portanto, como um registro da complexidade social, onde é possível identificar relações de poder, padrões de pensamento e processos de simbolização, ao mesmo tempo em que hierarquizações sociais e funcionais podem ser percebidas com a intenção de esclarecer e tornar mais compreensíveis as tensões que surgem no cotidiano da vida humana, na experiência material, entre tangibilidades e simbolismos.

Podemos dizer que os objetos não assumem apenas uma característica tangível, mas o simbolismo que os acompanha lhes atribui grande importância na história. O

contato e a convivência com os objetos respondem a necessidades, ansiedades, crenças, temores ou esperanças (DOHMANN, 2017). Para Tilley et al. (2008, p. 61), a cultura material traz uma questão ambígua em relação a sua materialidade: primeiro, a matéria é uma propriedade importante, pois permite sentir as características do objeto que as palavras não podem expressar; segundo, que representa relações sociais e simbolismos que fazem parte das ideias e não do material, ou seja, aspectos místicos, espirituais, intuitivos, afetivos. Para o autor, é a objetificação que possibilita o entendimento das relações entre sujeitos e objetos, isto significa que é o processo que permite aproximar as pessoas e as coisas sendo estabelecidos vínculos como de identidades e memórias, fazendo o objeto operar nessa relação (JACQUES, 2013; TILLEY et al., 2008, p. 61).

Sendo assim, de acordo com Meneses (1998, p. 92), a cultura material seria buscar nos objetos o seu próprio sentido

[...] os objetos materiais têm uma trajetória, uma biografia [...] para traçar e explicar as biografias dos objetos é necessário examiná-lo ‘em situação’, nas diversas modalidades e efeitos das apropriações de que foram parte. Não se trata de recompor um cenário material, mas de entender os artefatos na interação social.

Logo, nesse contexto de compreender a trajetória do objeto e da sua interação social que representa para a cultura parte da história da sociedade, apresentamos a biografia do “carrinho de balinha” e sua relação com meu núcleo familiar, que durou 40 anos, bem como parte da história dos vendedores ambulantes.

OS CARRINHOS DE BALINHA NO COMÉRCIO AMBULANTE

Os “carrinhos de balinha” são instrumentos utilizados para carregar doces³ e podem ser movidos pelo homem. Esses carinhos eram conhecidos popularmente como “carrinho de balinha”. O carrinho guarda as guloseimas e facilita o deslocamento dos produtos que são vendidos em diversos lugares, como no comércio ou em pontos estratégicos de movimentação de pessoas. A compra e venda desses produtos se enquadra no comércio ambulante, “os produtos mais constantes dentre os vendidos pelos ambulantes são picolés, especialmente em dias muito quentes, água, refrigerantes, cervejas, balas, chocolates, amendoins, paçocas, biscoitos, pipocas, CDs e DVDs, guarda-chuva, entre outros” (JORDÃO; STAMPA, 2016, p. 99).

Essa atividade econômica é característica de rua, conforme Kitamura e Ribeiro Filho (2007), os quais enfatizam que esse tipo de venda depende do espaço público, ruas e vias, além de ressaltarem que, entre as formas de atividades desenvolvidas por ambulantes, podem ser categorizados três tipos:

1) ponto móvel (efetivo), com equipamentos (barracas e pequenas bancas) desmontáveis ou veículos automotores; 2) em circulação, com carrinhos de

³ Os doces vendidos no “carrinho de balinha” eram balas, bombons, pipocas, pirulitos, chocolates, salgadinhos, chicletes, jujubas, cocadas, paçoca, marshmallows, suspiros, etc.

mão, tabuleiros e demais suportes de apoio que sirvam para expor suas mercadorias e 3) ponto fixo, ou seja, barracas não removíveis (KITAMURA; RIBEIRO FILHO, 2007, p. 22).

Neste trabalho, tratamos do comércio ambulante com o “carrinho de balinha” que se enquadra na categoria de ponto móvel, por ser equipamento que se desloca em busca de diferentes pontos de venda, de acordo com algum evento. De acordo com Fukelma e Lima (2003, p. 9), o vendedor ambulante no Nordeste refere-se ao “comerciante pobre que participava de feiras abertas e mercados públicos, exibindo as mercadorias em baús pendurados no ombro ou em caixas de madeira abertas”

O comércio ambulante é resultado da expansão da economia informal em um momento de crise do modelo econômico do plano cruzado, adotado nos anos de 1970 e 1980, décadas essas que ficaram marcadas na história como as “décadas perdidas”, em que a economia atravessou uma grave crise com taxas de inflação em níveis altos e que, apesar da intensificação do uso da força do trabalho familiar, levou ao aumento das desigualdades de renda e da pobreza (OMETTO; FURTUOSO; SILVA, 1995). As cidades se encontravam com vários trabalhadores desempregados e pobres, sendo a informalidade um meio de trabalho (MAIA, 1999).

Segundo Jordão e Stampa (2016), há uma precarização das condições de trabalho dos vendedores ambulantes, principalmente nas ferrovias, lugar que os ambulantes veem como maior fonte de renda pelo constante movimento de pessoas. O trabalho desenvolvido pelos itinerantes também é visto como dinâmico nas vendas de mercadorias, apesar da exploração a que são submetidos ao adquirir produtos. Ainda em relação ao trabalho ambulante, as autoras Jordão e Stampa (2016), destacam que o trabalho dos ambulantes nos ajuda a compreender o processo geral que passa a economia do país além das condições de vida e do trabalho da classe trabalhadora, a qual é marcada pela precarização (JORDÃO; STAMPA, 2016) e pela insalubridade do ofício (FUKELMA; LIMA, 2003).

Embora as autoras apontem a precarização dos trabalhadores ambulantes, que são considerados como trabalhadores informais, o aumento de ocupação nas ruas e não de emprego caracteriza um dos pontos negativos desse trabalho. Porém, sem dúvidas, essa maneira de comercializar proporcionou a flexibilização do trabalho e do trabalhador, além de garantir uma renda, mesmo não fixa, mas que de certa forma supria as necessidades de muitas pessoas. “Para milhões de brasileiros, o trabalho informal surgiu e ainda ressurgiu como a única forma de sobrevivência” (JORDÃO; STAMPA, 2016, p. 93). Essa suposta autonomia no exercício do trabalho de alguns sujeitos não garante o crescimento de renda, ou seja, a taxa de rendimento entre os ricos continuou aumentando, e a desigualdade social se tornou mais profunda (JORDÃO; STAMPA, 2016).

Contudo, foi com o comércio ambulante, especificamente no enfoque dado neste trabalho, com “carrinhos de balinha”, que muitas famílias passaram pela crise econômica da década de 1980 tendo uma renda que garantisse a sobrevivência, ajudando no sustento de famílias em situação de vulnerabilidade. Realidade essa vivenciada pelo meu núcleo familiar e representada pelo meu pai que superou o desemprego com a informalidade do comércio ambulante.

⁴ A entrevista realizada aconteceu na casa do proprietário no dia 11 de Maio as 14:00 horas.

METODOLOGIA

Utilizaremos neste trabalho o método interpretativo proposto por Geertz (2019), e o método da abordagem da cultural material de Prown (1982) para construir a biografia do objeto. O método interpretativo de Geertz (2019), propõe interpretar, responder questões profundas e levantar outras respostas ao que já foi formado. Uma maneira de adicionar mais informações de registros já elaborados, tornando algo complexo em algo inteligível. O conceito semiótico de cultura proposto por Geertz (2019), e a abordagem interpretativa utilizam-se de uma visão etnográfica considerada afirmativa como sendo “essencialmente contestável”. O autor usa o conceito de antropologia interpretativa que é marcado por um processo menos perfeito e mais por um refinamento de debate, desse modo não se pretende chegar a conclusões, mas sim a discussões acerca do objeto analisado (GEERTZ, 2019, p. 21).

Para análise do objeto, Prown (1982) sugere quatro operações: a descrição, a avaliação do objeto, a análise cultural e a interpretação diacrônica. A descrição descreve as propriedades, características e evidências relacionadas aos objetos. A avaliação do objeto considera a estética, o que determinou sua fabricação e o contexto que foi criado, usado, ou ainda em uso. A análise cultural aborda a funcionalidade, o uso passado e presente e as características simbólicas que o objeto carrega. A interpretação diacrônica demonstra a importância e relevância que o objeto representa para o tempo e a cultura (PROWN, 1982). Essas quatro operações não são estáticas e independentes, estando sujeitas a modificações decorrentes de novas interpretações conforme ocorre o aprofundamento da análise. A seguir, apresentamos a análise do objeto utilizando a discussão dos dois métodos referidos anteriormente.

Além das operações analíticas, a pesquisa incluiu uma revisão bibliográfica e a entrevista⁴ semi estruturada com o proprietário. Triangulando esses três dados, foi possível construir uma biografia para o objeto inserindo-o no contexto político-econômico da sua aquisição e utilização.

ANÁLISE DO OBJETO: CARRINHO DE BALINHA

DESCRIÇÃO DO OBJETO

O objeto em análise é um “carrinho de balinha” feito de metal, tem o comprimento de 80 centímetros e 50 centímetros de largura, com altura de 65 centímetros; tem dois apoiadores para levantá-lo e empurrá-lo, que podemos chamar de “braços”, também tem dois apoiadores para ficar erguido que podemos chamar de “pé” ambos feitos de madeira do tipo pereiro. Os “braços” e “pés” estão localizados apenas em uma parte do objeto, na outra extremidade/ lados estão dois pneus Pirelli com aro 20; o material que constitui sua parte central tem formato retangular, é feito de metal: o alumínio galvanizado. A galvanização corresponde ao processo de revestimento de um metal por outro para proteger da corrosão, conhecido popularmente como zinco.

O “carrinho de balinha” na sua parte superior tem uma abertura que pode ser levantada, aparentemente, como um baú. Ao abrir, encontramos várias repartições feitas com divisórias de madeira com 17x19 de comprimento e profundidade de 11 centímetros, que lembra um tabuleiro de xadrez. Essas repartições servem para guardar algo específico, carregá-lo e vendê-lo. A tampa ao ser erguida fica suspensa para a exposição dos produtos. Na parte inferior existe uma abertura em um dos lados para guardar produtos maiores ou de reposição. Meu pai explica que o carrinho sem produtos pesa aproximadamente 50 quilogramas (kg), quando está cheio chega a pesar cerca de 100 kg.

Quando questionado sobre o peso do carrinho, meu pai afirma,

[...] o peso do carrinho cheio só era percebido ao levantar ele para empurrá-lo, depois que ele ganhava movimento era como se o peso ficasse distribuído entre as rodas. Para minha mulher e minhas filhas a única dificuldade ao empurrar o carrinho era com a coordenação motora, pois se os braços não segurasse com firmeza o carrinho poderia virar para frente.

Pode-se concluir que o equilíbrio do objeto, quando em movimento, dependia da distribuição adequada do peso em suas laterais e extremidades. A aerodinâmica não é um fator preponderante, uma vez que não há a intenção de permanecer em movimento além da distância necessária até o ponto em que a venda irá se realizar.

Para que o carrinho ganhasse movimento era preciso exercer uma força sobre ele ao empurrá-lo. Este tipo de objeto móvel difere de uma carroça pela região em que é empregada maior força. Numa carroça, que é puxada, o esforço é distribuído na lombar; enquanto que no caso do carrinho, o esforço se concentra nos braços e pernas, empurrando-o. Ao puxar uma carroça, homem e objeto se fundem; ao empurrar o carrinho, após o esforço inicial, homem e objeto se movem de forma independente, cabendo ao primeiro apenas manter a estabilidade do último.

O carrinho era erguido pelos apoiadores de madeira (braços) com a força dos braços do homem, assim os “pés” do carrinho perdia o contato com o chão e as rodas ganhavam movimento com a tração exercida pelo corpo. Desse modo, para manejar o objeto as condições físicas do corpo faziam diferença, pois quando o carrinho estava muito pesado era exigida uma força maior. Já para meu pai o peso do carrinho não era problema *“eu não sentia dificuldade em levantar e empurrar o carrinho pesado já minha mulher se esforçava muito para fazer isso, ela conseguia com dificuldade. Já as meninas só carregavam ele quando estava maneiro⁵”*.

O aspecto físico do meu pai era um fator de vantagem para conduzir o carrinho. Ele apresentava força suficiente e habilidade em locomover o objeto diferente da minha mãe e irmãs. A falta de equilíbrio, força e coordenação estavam relacionadas às condições físicas do corpo; assim, fazendo a comparação entre o peso do objeto e o aspecto físico do corpo que o conduzia podemos afirmar que era um fator que determinava a capacidade de conduzir o carrinho. Acompanhando o carrinho, há um pequeno banco de madeira, utilizado para o descanso do vendedor nos pontos de venda. Quando o banco não era levado, os próprios braços do carrinho serviam de apoio.

Apesar dessas dificuldades o carrinho possibilitou a venda ambulante de produtos em espaços públicos e vias e oportunizou a informalidade do trabalho para superar o desemprego. Na **Imagem 1 e 2**, mostramos a fotografia do carrinho e das dimensões descritas.



Imagem 1 - Carrinho de Zinco em posição horizontal. **Fonte:** A autora.



Imagem 2 - Carrinho de Zinco parte superior. **Fonte:** A autora.

As imagens 1 e 2, representam o segundo “carrinho de balinha”, de material em zinco, que foi adquirido pelo meu pai, Djalma, na cidade de São José do Campestre/RN ainda nos anos 80.

AVALIAÇÃO DO OBJETO

O objeto em análise é do meu pai, ele se chama Djalma Gomes de Lima, tem 62 anos e cursou o Ensino Médio completo. O objeto foi adquirido na década de 1980. Os primeiros carrinhos que surgiram na nossa cidade, Araruna/PB, eram de outro material e design. Segundo meu pai: *“os carrinhos eram feitos de madeira com vidros ao redor para expor as guloseimas que estavam à venda, o seu valor era baixo em comparação com os carrinhos de zinco. Esse foi o primeiro “carrinho de balinha” que possui”*.

Na **Imagem 3**, está o primeiro “carrinho de balinha” que foi comprado pelo meu pai para iniciar as vendas de doces. Ele foi adquirido já com esse design, incluindo a pintura e escritas. Observa-se que há uma faixa de vidro transparente através da qual é possível ver parte das mercadorias a venda, como mencionado por Djalma. Na fotografia antiga está minha mãe, Francisca de Oliveira Gomes, que saía com o carrinho para vender em lugares movimentados. O carrinho já veio customizado com a frase: “Confeitaria Deus mim ajude”. Convém observar a palavra *confeitaria*, que pressupõe uma “casa onde se fabricam e/ou vendem-se bolos e doces; casa onde se serve chá e doces, etc.” (CONFEITARIA, 2004, s.p.), a qual dá ao carrinho um atributo de “casa”. Seria o carrinho então uma casa ambulante onde se vendem doces e outros confeitados.



Imagem 3 - Primeiro carrinho de madeira com doces. Fonte: A autora.

Já a parte “Deus mim ajude”, segundo Djalma, assume um tom profético *“Essa frase já veio com o carrinho quando o comprei e sem dúvidas Deus me ajudou muito, pois com a venda das balinhas não só garanti uma renda para sustentar minha família, como também consegui comprar uma moto e uma casa”*. Ou seja, o carrinho não só é chamado de casa, como também parece assumir parte da responsabilidade na proteção e manutenção da família.

O lucro da venda das balinhas era um complemento da renda da família, pois meu pai comercializava com outros produtos, também de maneira informal, nas feiras da cidade e nas circunvizinhanças. Mas, foi com a venda de balinhas que a melhoria financeira aconteceu e oportunizou a experiência no comércio. O comércio móvel com o carrinho possuía a

vantagem de buscar pelo cliente nos eventos e lugares de maior público, sem arcar com as despesas de manutenção de um estabelecimento formal ou de um ponto fixo. Por ser móvel, o carrinho se diferencia do popular “fiteiro”, que geralmente corresponde à venda de doces e outras guloseimas, na própria casa, num espaço improvisado⁶.

Como a situação financeira da família melhorou, o carrinho de madeira foi vendido, e, em seu lugar, ficou o carrinho de zinco que era mais caro, porém mais resistente e leve. Sobre o valor do carrinho meu pai não lembra exatamente quanto pagou. Na época era o plano cruzeiro e de acordo com meu pai foi pago aproximadamente 550 cruzeiros no carrinho de madeira que hoje corresponde ao valor de 200 reais.

Perguntamos a meu pai onde ele comprava os carrinhos, segundo ele: “os carrinhos, tanto o primeiro de madeira como o de zinco, foram comprados na cidade de São José do Campestre do Rio Grande do Norte que fica a 39 km de Araruna, lá tanto era produzido eles como também já era utilizado para vender balinhas”. Meu pai destacou que os carrinhos eram comprados em feiras livres da cidade de São José do Campestre, mas não sabe informar se na cidade havia fábricas desses objetos. Acreditamos que esses carrinhos eram produzidos artesanalmente, pois não encontramos evidências de fábricas ou lojas na cidade em que foram comprados, ou qualquer rótulo/assinatura indicando o fabricante. A escrita incorreta da frase “Confeitaria Deus mim ajude” também reforça nossa hipótese de que a construção dos carrinhos era artesanal, e visava um público bem delimitado, entre os próprios feirantes.

Como as vendas eram realizadas em locais públicos e ruas, nos dias de chuva a situação de locomoção se tornava mais difícil com os carrinhos de madeira, bem como manter-se nos pontos de venda. Meu pai relata que para sair em dias de chuva era preciso utilizar lonas, que cobriam apenas o carrinho e não seu condutor. Nos pontos de venda, uma sombrinha grande era aberta sobre o carrinho e o vendedor, protegendo-o da chuva, e também em dias de muito sol⁷. Esses empecilhos fizeram com que meu pai buscasse por um carrinho de material mais resistente, como o galvanizado (alumínio-zinco). Embora os produtos do carrinho de madeira ou zinco, quando expostos, tivessem a proteção de sombrinhas e plásticos, a locomoção para outras cidades nas estradas em tempos de chuva danificava a madeira, o que foi amenizado com a utilização do zinco.

Meu pai detalhou como ele fazia para ir a outras cidades vender doces: “eu levava o carrinho com ajuda da moto que eu tinha e na moto tinha um bagageiro, aí eu suspndia o carrinho no bagageiro e amarrava com ligas de borracha em um pau que se encaixava nos braços do carrinho”. Essa improvisação era perigosa, pois desequilibrava a moto e poderia provocar acidentes; porém Djalma relata “as viagens para outras cidades só eram perigosas à noite, por causa de animais que encontrava no caminho, mas graças a Deus assaltos e acidentes nunca aconteceram, sempre levava comigo minha mulher ou um amigo para ajudar

⁶ Próximos às escolas ou igrejas, os fiteiros são pessoas que improvisam um balcão ou uma janela na própria casa, aproveitando a movimentação durante as reuniões periódicas desses lugares para vender seus produtos.

⁷ Em dias de sol também era importante a sombrinha para evitar o derretimento dos doces e prejuízo nas vendas.

nas vendas”.

A seguir, as **Imagens 4 e 5** demonstram a representação do uso da sombrinha no carrinho para evitar o contato com a chuva e o sol durante as vendas.

Vale ressaltar que esse carrinho pertence a minha família há mais de três décadas e permanece guardado, ele deixou de ser utilizado no ano de 2017. Falaremos posteriormente sobre os motivos que levaram a interrupção das vendas.



Imagem 4 - Carrinho de zinco com guarda chuva na horizontal. **Fonte:** A autora.



Imagem 5 - Carrinho de zinco com guarda chuva na vertical. **Fonte:** A autora.

ANÁLISE CULTURAL (E PESSOAL) DO CARRINHO

Os carrinhos de guloseimas eram conhecidos como carrinho de confeito, balinha ou bombons. Ele entrou na minha família como uma fonte de renda após meu pai ter viajado para São Paulo, com 22 anos, em busca de emprego, e, nessa época, ele só havia cursado até o 1º ano do primário, hoje 1º ano do Ensino Fundamental. Meu pai passou apenas um ano em São Paulo e voltou. Sobre esse momento meu pai relata

[...] no ano de 1980 viajei para São Paulo em busca de emprego, deixei a mulher com nossa primeira filha recém nascida, passei só um ano trabalhando [...] não tinha família e meu lucro era para me manter com aluguel e comida, por isso decidi voltar, estava com muita saudade da família! Quando cheguei em casa estava desempregado foi quando comprei o primeiro carrinho com o que consegui guardar do meu trabalho em São Paulo.

Desempregado, o carrinho foi uma das alternativas que meu pai encontrou para

obter uma renda dos anos de 1980 até o ano de 2017. Durante todo esse período, o carrinho foi usado como uma fonte complementar da renda familiar, pois meu pai negociava com outros produtos. O carrinho era levado pelo meu pai ou minha mãe para festas religiosas, populares e feiras livres. Meu pai também viajava com o carrinho para outras cidades em dias festivos para a venda das guloseimas.

Às vezes, meu pai levava uma das suas cinco filhas, geralmente minha irmã mais velha e com um tempo eu, para vender os doces com ele ou com minha mãe. No total são cinco irmãs, sendo que a mais velha tem 40 anos. Quando havia eventos na cidade que morávamos, como missa, cinema, festas, meu pai e minha mãe saíam para vender. Também era costume vender nas escolas, campeonatos de futebol, comícios e feiras livres, lugares onde sempre precisavam de ajuda.

No mapa da **Imagem 6**, demonstramos o trajeto que o “carrinho de balinha” fazia na cidade de Araruna/PB.



Imagem 6 - Mapa dos principais pontos percorridos com o “carrinho de balinha” para vendas.
Fonte: Google Maps.

O destaque com linha azul é a rota de alguns pontos que o meu pai percorria com o “carrinho de balinha” para vender seus produtos. Trata-se de um percurso plano com poucas subidas. O percurso se inicia da casa do proprietário e passa por seis pontos destacados com cor preta. Esses seis pontos são: Casa do proprietário, Bar do Casarão Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, Escola Estadual Targino Pereira, Rua Semeão Leal, conhecida popularmente como “rua da avenida”, Feira Livre de Araruna, antiga churrascaria O Canecão já desativada.

As **imagens 7 e 8**, são fotografias de alguns locais citados anteriormente.



Imagem 7 - Procissão de Nossa Senhora da Conceição, na década de 1980. **Fonte:** Araruna de Outrora (2017b).



Imagem 8 - Avenida Semeão Leal, década de 1980. **Fonte:** Araruna de Outrora (2017a).

A **imagem 7**, retrata a procissão realizada na festa da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Conceição, arrastando uma multidão de fiéis na década de 1980. Ao fundo está o “Bar do casarão” um dos pontos de venda que o “carrinho de balinha” ficava. Na **imagem 8**, está a Avenida Semeão Leal, centro da cidade, à direita a igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e ao fundo a “rua da avenida”, no centro da rua está a árvore centenária da cidade conhecida como “pé de fícus” onde aconteciam bingos. Tanto a igreja quanto a “rua da avenida” eram pontos de venda do carrinho.

Nesses locais a movimentação de pessoas era maior, pois sempre aconteciam missas festivas, procissão, festas populares ou outros eventos como bingos. Por esse motivo, meu pai sempre precisava de ajuda nas vendas, como ele mesmo relata:

[...] quando tinha festas o movimento de pessoas era grande, as vendas aumentavam, era muitas pessoas para comprar, para atender e passar troco de dinheiro, eu não dava conta sozinho, por isso sempre levava ajuda da mulher ou das filhas, tanto nas festas de Araruna como de outras cidades. Assim, minhas filhas já iam aprendendo a negociar e a valorizar o trabalho do pai delas. Quando eu não podia ir para as festas era a mãe delas que ia e levava uma delas, também, pra ajudar.

Quando a venda precisava ser feita pela minha mãe, meu pai sempre ficava receoso, pois temia que bêbados a importunassem, além do medo de roubo. Perguntamos qual era a reação da minha mãe quando ela era escalada para uma festa, segundo meu

pai, “ela sentia medo do que poderia acontecer em festas grandes e que durava a noite toda, mas a necessidade era maior e nos obrigava a enfrentar essas dificuldades”.

Nesses eventos maiores que aconteciam na cidade, ou em outras cidades vizinhas, a atenção era dobrada. Assim explica meu pai,

[...] com muita gente na rua a venda aumentava e a atenção tinha que ser grande. Sempre tinha os espertinhos que passavam a mão por cima do carrinho e acabava pegando umas balinhas quando nois tava [sic] muito ocupado ou distraído ou acontecia de algum cliente pegar um produto e não pagar por esquecimento.

Essas ações não eram consideradas pelo meu pai como roubo ou assalto. Questionamos se existia concorrência e se era pacífico ficar ao lado de outros vendedores. Segundo ele,

[...] nunca houve briga entre eu e meus colegas, quando acabava um produto de algum carrinho sempre um colega sedia ao outro e depois era pago. Agora, a única disputa era pela localização do ponto de venda, novidade e variedade de produtos nos carrinhos porque isso era motivo de muita venda. Até hoje tenho amigos daquela época que vende balinhas.

Geralmente os produtos vendidos nos “carrinhos de balinha” eram os mesmos, porém quando surgia no mercado alguma novidade de doce e chegada até um vendedor, logo os demais compravam. Assim, a venda de produtos e a clientela ficavam divididas entre os carrinhos. A clientela era variada, porém meu pai relata que as crianças eram as consumidoras que mais lhe davam lucro. As vendas em diferentes lugares permitiram que o ciclo de amizades crescesse com clientes e com os outros vendedores. A relação era pacífica e a troca sobre produtos, valores e festas era comum entre os vendedores, caracterizando-se como uma rede de informações.

Apesar da exposição ao sol, chuva e o cansaço, provocado pela força exercida para movimentar o carrinho, ou pelas viagens a outras cidades, o trabalho era prazeroso. Sobre isso meu pai diz, “faltava conforto nas ruas e para encontrar um ponto de venda bom era preciso sair de casa muito cedo, as vendas a noite ia de madrugada adentro, o sono incomodava, mas tive a oportunidade de participar de vários eventos e festas. Eu trabalhava e também me distraia!”. Meu pai relatou também que era prazeroso participar de alguns eventos e festas. Ele citou alguns eventos importantes que ocorreram na cidade de Araruna/PB como a vinda do Frei Damião, um missionário católico conhecido como o Santo do Nordeste e o show da banda Chiclete com Banana na festa de Emancipação Política da cidade, entre outras.

A experiência de meu pai confirma o argumento de Ferreira (2012) sobre o maior fluxo de pessoas e o aumento do número de vendedores ambulantes em dias festivos. Em Araruna/PB não havia fiscalização e nem era preciso licença para vender os produtos no carrinho. No entanto, a venda por ambulantes é regulamentada desde 1940, pelo Decreto-lei nº 2041 de 27/02/1940. De acordo com o Decreto, esse tipo de comércio

deve ter carteira de trabalho e licença de autoridade competente. Em especial, no caso de gêneros alimentícios, a fiscalização visa as questões trabalhistas e também sanitárias. Conjecturamos que não ocorria a fiscalização em Araruna/PB por ser uma cidade pequena de interior, e também por não haver uma competição direta com o comércio, já que a cidade não possuía estabelecimentos como docerias e bombonieres.

⁸ Carro da prefeitura municipal que conduz fiscais e policiais pelas vias públicas para apreender mercadorias.

Uma realidade diferente dos grandes centros urbanos como na cidade de Campina Grande – PB. De acordo com Ferreira (2012), os fiscais da cidade reprimiam a ação dos ambulantes e apreendiam suas mercadorias. Para as autoridades a presença desses vendedores no centro da cidade era considerada como obstrução das vias públicas para o tráfego de transportes e pessoas. Os vendedores ambulantes tinham que driblar leis e códigos de postura para sobreviver na luta pelo espaço urbano. Por outro lado, faltava disciplina aos ambulantes e planejamento das autoridades públicas para organizar esses vendedores. A ação do “rapa”⁸ era comum contra os vendedores ambulantes ilegais, no centro da cidade, nas décadas de 1970 e 1980 (FERREIRA, 2012).

Sobre a compra das guloseimas para vender no carrinho relatou meu pai que era feita em cidades vizinhas em dia de feira livre, Nova Cruz/RN, Guarabira/PB, Belém/PB, Barra de Santa Rosa/PB. Sobre essas feiras meu pai diz “*eu vendia, e até hoje vendo, nas feiras dessas cidades, cordas de agave, e aproveitava para comprar os doces pra vender no carrinho, mas hoje eu não compro mais*”. As guloseimas que ele comprava eram, geralmente, balinhas, pirulitos, chocolates, pipocas, chicletes, e eram colocadas dentro do carrinho para a venda.

Como meu pai não vivia em casa, pois era comerciante ambulante, a responsabilidade das vendas das guloseimas em casa ficava por conta da minha mãe e da minha irmã mais velha. Porém, com o carrinho em casa a tentação de comer as guloseimas era maior. Na infância, ter um carrinho de guloseima em casa é sonho. Meu pai relatou, “*minhas filhas comiam doces mais que vendiam. Só se via elas com dor de dente! Eram doces que hoje já não se encontram com facilidade, alguns nunca mais vi, por exemplo: pirulito zorro, fofão, pipoca doce*”. Esses doces eram industrializados e ainda estão no mercado, mas com nomes e sabores diferentes.

As vendas se intensificaram, e meu pai comprou um terceiro carrinho, dessa vez parecia com uma barraca de metal que comportava mais guloseimas. Meu pai relata, “*Comprei um carrinho parecido com uma barraca de lanche, ela ficava na frente da minha casa e minha filha Rosana cuidava das vendas*”. Foi meu primeiro contato com o comércio, na venda e no trabalho, ajudando meu pai e minha família. Devido a essa experiência, passei a vender guloseimas na escola carregando na mochila os doces e, na hora do intervalo, vendia dentro da sala de aula. Parte do dinheiro era do meu pai, outra parte ele me repassava como mesada.

Esse tipo de venda era uma modalidade de trabalho informal antiga presente nas feiras e espaços públicos. Na minha cidade, meu pai foi um dos primeiros a fazer esse tipo de venda, sendo que, desde a compra do primeiro carrinho, ele ficou conhecido como “Diassis das balinhas”. A partir do momento que surgiram os carrinhos na cidade, inclusive trazidos pelo meu pai, começaram a surgir vários outros carrinhos e barracas fixas com venda de guloseimas, revistas e passatempos.

As vendas com o “carrinho de balinha” em locais públicos e em eventos foram abandonadas, pois diminuíram com o aumento do número de carrinhos que surgiram na cidade, ou seja, aumento da oferta, sem aumento da demanda. Outro fator foi o aumento das docerias, lanchonetes, bombonieres e farmácias que passaram a vender guloseimas. Como meu pai não era formalmente empregado se manteve no comércio mais variado e investiu em outros produtos que já negociava como a “corda de agave”⁹ e o “mangaio”¹⁰ indo até os dias atuais. A atuação como comerciante informal durante todo esse tempo, sem registro, não permitiu que ele solicitasse a aposentadoria.

As vendas passam ser assumidas por minha mãe, apenas na feira livre da cidade, especificamente nos sábados, pois ela trabalhava como merendeira e a partir do ano de 2018, quando se aposentou, o carrinho deixou de ser utilizado. No momento, o carrinho encontra-se guardado, como recordação dos tempos passados, mas sem utilização.

Quando perguntamos a meu pai sobre as memórias que guarda sobre o objeto, ele nos respondeu:

[...] a melhor lembrança que tenho dos meus tempos de venda com o carrinho era quando eu vendia parte das mercadorias e enchia meu bolso de dinheiro. Com esse dinheiro comprava o leite das minhas filhas e outras mercadorias para surtir o carrinho e voltar às vendas. Com o dinheiro do carrinho consegui realizar alguns sonhos. Quando as vendas eram boas pela manhã ansioso ficava contando o apurado era tantas moedas.

A partir de suas lembranças percebemos que sujeito e objeto se confundem ao mesmo tempo em que são participantes também são protagonistas de sua própria história (FERREIRA, 2012). Na imagem 7, a fotografia do meu pai atualmente junto com o carrinho.

Atualmente, ainda existem vendedores que usam o “carrinho de balinhas” se deslocando de suas casas para vender produtos em pontos fixos. Podemos encontrá-los vendendo os doces em frente a escolas e, com mais frequência, na igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição em dias de missa.

⁹ A corda de agave ou corda de sisal é produzida através de uma planta da espécie *A. sisalana* originada da América Central e presentes na região da Paraíba e Bahia (SILVA; BELTRÃO, 1999).

¹⁰ O mangaio é um termo popular usado para nomear produtos artesanais variados vendidos em feiras livres ou feira de Mangaio típica da região Nordeste (NAVARRO, 2013).



Imagem 9 - Meu pai Djalma com o carrinho de zinco. Fonte: A autora.

INTERPRETAÇÃO DIACRÔNICA

O carrinho analisado foi adquirido na década de 1980. Vários acontecimentos marcaram essa época, mas iremos destacar no setor da economia, especificamente, o comércio, pois o objeto em análise retrata a história de comerciantes ambulantes. Ambulantes são comerciantes que não têm um ponto fixo, um comerciante de rua com bancas ou carrinhos improvisados, são trabalhadores informais. Segundo Ometto, Furtuoso e Silva (1995, p. 403), “a economia brasileira na década de 80 atravessou uma das mais graves crises de sua história, a qual resultou na estagnação do produto interno bruto e em taxas de inflação sem precedentes”. Devido a essa situação, a expansão do comércio ambulante se intensificava.

Nesse período, o dinheiro em circulação passou do cruzeiro para o cruzado. O plano cruzado entrou em circulação no ano de 1986 e foi criado pelo Presidente José Sarney com o intuito de reduzir a inflação. De acordo com Maia (1999), um dos resultados da economia informal e ilegal se deu, entre outros motivos, pela privatização e demissões em serviços públicos, a burocratização em legalizar um comércio, encargos tributários altos, crises no produto interno bruto, causando elevadas inflações, bem como a fúria sobre as desigualdades sociais e a mudança de valores éticos e morais.

Assim, o “setor informal” avançou pelo país como uma alternativa para burlar o desemprego e as altas taxas de inflação, tornando-se fonte de renda de muitas famílias. Apesar de formalmente regulamentado pelo Decreto de 1940, o comércio ambulante

segue sendo uma possibilidade de não ser sobrecarregado por impostos e taxas, mesmo com os riscos envolvidos. Maia (1999, p. 105-106) destaca que

[...] o circuito inferior da economia, especialmente, os setores de comércio e serviços (ambulantes, camelôs, feirantes, catadores de papel, transporte pirata etc.), acolhe a leva de mão de obra não qualificada, subempregada e desempregada dos grandes centros urbanos e é, por conseguinte, uma válvula de escape para o problema do desemprego.

Dessa forma, o comércio informal se tornou a saída do desemprego para muitos trabalhadores. O número de vendedores ambulantes, chamados também como tropeiro, mascate, camelô, cresceu nesse período. Eles exibiam suas mercadorias em baús pendurados no ombro ou em caixas de madeira aberta, promovendo a venda diversificada de mercadorias e buscando por maior mobilidade para expandir seu mercado (FUKELMA; LIMA, 2003). Foi justamente nesse cenário de crise que a economia do Brasil vivia e do avanço do setor informal que meu pai adentrou no comércio ambulante com a venda de balinhas.

Dados do IBGE (2021) sobre Empresas Informais Urbanas trazem que, em 1997 de 172.130 empresas que se registravam como sendo “por conta própria”, 118.307 não realizavam qualquer tipo de registro de vendas. Em 2003, esse mesmo dado é de 133.998 em 179.611. Ou seja, enquanto o número de empresas informais aumentou de 4,3% em seis anos; o número daquelas que não registram foi de 13%, reforçando a hipótese de que a informalidade se justifica pela possibilidade de fugir de impostos e taxas que encarecem e burocratizam o trabalho de vendas.

Destacam Santos e Mesquita (2016) que o trabalho informal rende aos ambulantes um valor abaixo do nível mínimo legal do salário, não apresenta remuneração estável com benefícios da previdência social, além de não possuir medidas de proteção à saúde, mas que, apesar das dificuldades do trabalho e da invisibilidade os ambulantes gostam do que fazem e estão satisfeitos.

A situação descrita pelos autores supracitados, Ometto, Furtuoso e Silva (1995); Maia (1999); Santos e Mesquita (2016); Fukelma e Lima (2003), Jordão e Stampa (2016), retrata uma sociedade que enfrentava sérios problemas econômicos e que teve de procurar soluções para encarar o desemprego e a falta de oportunidade no mercado de trabalho. A informalidade representou a superação e a oportunidade para muitas famílias ganharem dinheiro e garantir “o pão de cada dia”. Discurso reforçado por vários ambulantes que viveram a mesma situação de desemprego sendo a venda informal o único meio de sobrevivência (FERREIRA, 2012).

Nesse contexto, os anos 80, lembrados por alguns com certa nostalgia, a economia brasileira passava por uma grave crise econômica. Assim, a utilização do carrinho de balinha foi uma das formas encontradas no meu núcleo familiar para romper com a

dificuldade financeira, além de facilitar o deslocamento pela cidade e para outras cidades com a variedade de itens colocados à venda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos, nesse artigo, as aferições sobre o objeto carrinho de balinha e as contribuições dadas por ele para seu proprietário e para a sociedade. Do ponto de vista da cultura material, o carrinho trouxe elementos socioculturais para serem analisados, compreendendo o valor atribuído a ele, bem como o contexto cultural no qual estava inserido. Assim, os estudos da cultura material nos permitiram entender, em um determinado momento, os valores representados em um objeto. O carrinho representou, de forma geral, uma forma de comercializar produtos, especificamente doces, durante a crise dos anos 80, para meu pai e outras famílias.

Dentro da categoria de comércio informal, os carrinhos possibilitavam a venda de produtos com locomoção em vias e logradouros que tivessem movimentação de pessoas. O carrinho passou a ter significado importante na minha família, pois ajudou no complemento financeiro da renda que era arrecadada por mês pelo meu pai no comércio ambulante. O carrinho representou, também, uma aprendizagem na minha educação e de minhas irmãs, desse modo ele oportunizou experiências com o comércio, com a prática da responsabilidade e a interação com outras pessoas/clientes.

Percebemos que o carrinho, com o passar do tempo, melhorou as condições de uso passando por uma evolução quanto a sua durabilidade. Isso nos permite inferir que a procura por esses carrinhos aumentava, e suas características foram sendo melhoradas. É importante considerar que os três carrinhos comprados pelo meu pai carregaram e ainda carregam um sentimento de gratidão, pois foi com eles que meu pai conseguia ganhar dinheiro para manter a família, principalmente na compra de alimentos. Essa realidade foi representada por minha família, mas muitas outras recorreram ao comércio informal para sobreviver em um período de crise financeira no país e com o aumento do desemprego.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Wiara. A transnacionalização de objetos escolares no fim do século XIX. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 115-159, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/122775>. Acesso em: 4 ago. 2020.

riodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8635689. Acesso em: 15 set. 2020.

JORDÃO, Ana Paula Ferreira; STAMPA, Inez Terezinha. Trabalho precário em pauta: a experiência dos ambulantes nos trens da RMRJ. *Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 37, p. 88-105, 2016. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/25397>. Acesso em: 14 set. 2020.

KITAMURA, Camila Kazumi; MIRANDA, Mariana; RIBEIRO FILHO, Vitor.. O comércio e serviços ambulantes: uma discussão. *Caminhos de Geografia, Uberlândia*, v. 8, n. 23, p. 20-26, 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhos-degeografia/article/view/15656>. Acesso em: 15 set. 2020.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Informalidade e Ilegalidade: faces e disfarces na economia urbana. *Boletim Goiano de Geografia, Goiânia*, v. 19, n. 2, p. 99-107, jan./dez. 1999. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/15366/9422>. Acesso em: 14 set. 2020.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História, São Paulo*, n. 115, p. 103-117, 1983. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/61796/64659>. Acesso em: 15 maio 2021.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. Memória e cultura material: documentos pessoais no Espaço Público. *Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro*, v. 11, n. 21, p. 89-103, nov. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067/1206>. Acesso em: 25 ago. 2020.

MILLER, Daniel. *Trecos, Troços e Coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

NAVARRO, Fred. *Dicionário do Nordeste*. Recife: Cepe, 2013.

OMETTO, Ana Maria H.; FURTUOSO, Maria Cristina O.; SILVA, Marina Vieira da. Economia brasileira na década de oitenta e seus reflexos nas condições de vida da população. *Revista de Saúde Pública, São Paulo*, v. 29, n. 5, p. 403-414, 1995. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003489101995000500011&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 set. 2020.

PROWN, Jules David. *Mind in Matter: an introduction to material culture theory and method*. Winterthur Portfolio, Chicago, v. 17, n. 1, p. 1-19, 1982.

RAFAEL, Wellington. Araruna de Outrora, Ararura, 28 out. 2017a. Facebook: ararunadeotrora. Disponível em: <https://www.facebook.com/ararunadeotrora/>

photos/1650098068382499. Acesso em: 18 maio 2021

RAFAEL, Wellington. Araruna de Outrora. Ararura, 8 dez. 2017b. Facebook: ararunadeoutrora. Disponível em: <https://www.facebook.com/ararunadeoutrora/photos/1691476947577944>. Acesso em: 18 maio 2021.

SANTOS, Dayse Reis dos; MESQUITA, Alex Andrade. Avaliação das condições de trabalho e sofrimento psíquico em camelôs. *Revista Psicologia e Saúde, Campo Grande*, v. 8, n. 2, p. 29-42, jul./ dez. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2177093X2016000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 31 ago. 2020.

SILVA, Odilon. R. R. F. da; BELTRÃO, Napoleão E. de M. O agronegócio do sisal no Brasil. Brasília: EMBRAPA – SPI, 1999.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2009.

TILLEY, Chris. Objectification. In: TILLEY, Chris; KEANE, Webb; KUECHLER, Susan; ROWLANDS, Mike; SPYER, Patricia (ed.). *Handbook of material culture*. London: SAGE, 2008. p. 61-73.

Recebido em: 24/set/2020

Aceito em: 26/jul/2021